

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA FFLCH (2012)

O Simpósio Internacional “Esquerda na América Latina: História, Presente, Perspectivas”, realizado em setembro de 2012 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH), movimentou intensamente a unidade nos três dias em que foram realizadas quarenta mesas de debates, com temática variadíssima, que incluiu desde temas clássicos — como socialismo e antiimperialismo; luta pela terra; classe operária na história — a outros atuais como redes sociais e ativismo político; lulismo e petismo; feminismo e socialismo na América Latina; igrejas, diversidade sexual e homofobia; e muitos mais.

*A Revista Adusp cobriu alguns dos debates.
As reportagens estão nas páginas a seguir.
O Simpósio Internacional da FFLCH foi organizado pelos professores Osvaldo Coggiola (membro do Conselho Editorial da **Revista Adusp**), Jorge Grespan, Lincoln Secco, Marcos Silva, Rodrigo Ricupero e Francisco Alambert.*

PT MIGRA PARA A ORDEM, MAS REDUZ DESIGUALDADE E DEIXA PSDB SEM DISCURSO

Nelson Lin
Jornalista

Daniel Garcia



Tales Ab'Saber, André Singer e Cyro Garcia na mesa "Do petismo ao lulismo"

O que levou o principal partido de esquerda do Brasil a uma virada rumo a posições conservadoras? A simples inclusão no mercado dos contingentes mais pobres da população altera a correlação de forças na sociedade brasileira, entre esquerda e direita? Afinal de contas, existe ou não polarização entre PT e PSDB? Qual o verdadeiro papel de Lula na política brasileira: líder de mudanças estruturais ou “astro pop” a serviço da ideologia neoliberal do consumo? Questões que foram esmiuçadas por André Singer, Tales Ab’Saber e Cyro Garcia na mesa que abriu o Simpósio Internacional da FFLCH

A guinada conservadora do Partido dos Trabalhadores e de Luís Inácio Lula da Silva, o Lula, foi o principal assunto da mesa “Do petismo ao lulismo: o PT ontem e hoje”, que iniciou o Simpósio Internacional da FFLCH-USP. A mesa reuniu intelectuais com recente produção analítica do petismo e do “lulismo”: Cyro Garcia, dirigente do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), doutor em história pela Universidade Federal Fluminense (UFF), autor do livro *PT, da oposição à sustentação da ordem*; Tales Ab’Saber, professor de psicanálise da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e autor do ensaio “Lula, carisma pop e cultura anticrítica”; e André Singer, professor de ciência política da USP, porta-voz

da Presidência da República no governo Lula, e cujo livro *Os sentidos do lulismo, reforma gradual e pacto conservador* tornou-se uma das referências obrigatórias no tema.

Na análise de Singer, o traço mais significativo do PT na sua formação, nos anos 1980, não era o socialismo, mas sim o radicalismo. Isso representava uma grande novidade no Brasil, porque a principal característica da política brasileira desde a independência do país, em 1822, é a “conciliação pelo alto”, sem rupturas políticas. O país foi “passando de uma fase para outra, de colônia a país independente, depois a república, e assim por diante, sem rupturas”. A criação do PT, em 1980, visava justamente quebrar essa tradição na política brasileira.

Três episódios são citados por Singer para comprovar a radicalidade do PT nos anos 1980: em 1984, o partido expulsou os deputados que desobedeceram a diretriz de não votar em Tancredo Neves no Colégio Eleitoral (o PT defendia eleições diretas para Presidente); em 1988, o partido se recusou a votar a favor da Constituição, porque tinha uma proposta mais radical; finalmente, no segundo turno das eleições de 1989, o PT recusou o apoio do PMDB (que Ulysses Guimarães oferecera sem pedir contrapartidas), sob o argumento de que este era um partido burguês. O professor da USP se ancora nesses exemplos para afirmar que o radicalismo do PT não era retórico, mas real.

No entanto, para Singer, o PT arquivou esse radicalismo nas eleições de 2002, com a inclusão da “Carta aos Brasileiros” no seu programa presidencial. Essa carta anunciou um conjunto de garantias ao capital de que o PT não faria um governo de ruptura. Assim, o PT deixou de ser um partido radical e passou a fazer uma política de conciliação com o capital.

A virada expressou-se na condução da política macroeconômica dos dois mandatos de Lula: busca pelo superávit primário alto e manutenção dos juros altos e câmbio flutuante. No entanto, nota Singer, no primeiro mandato Lula fez movimentos contraditórios: por um lado seguiu à risca a cartilha econômica neoliberal no plano macroeconômico; por outro lado, desenvolveu uma série de políticas de combate à pobreza: criação do Bolsa-Família, do crédito consignado, aumento sig-

nificativo do salário-mínimo e redução do desemprego, de cerca de 11% para 5,5%. O sucesso dessas políticas resultou na reeleição do presidente Lula por uma base social de eleitores de baixa renda, ou até de baixíssima renda. Portanto, completamente diferente daquela base social que votou em Lula até 2002.

Como analisa Singer em seu livro, os eleitores de baixa ou baixíssima renda são, em sua maioria, conservadores e situados à direita no espectro ideológico. Em pesquisas de opinião conduzidas por Gustavo Venturi e pelo próprio Singer, esse eleitorado se declarava de direita e contra a ação de movimentos reivindicatórios; mas, por outro lado, apoiavam a maior atuação do Estado na economia. Ele interpreta esse posicionamento político das classes de menor renda da seguinte forma: elas queriam um Estado capaz de ajudar os mais pobres, mas sem ameaçar a estabilidade e a ordem vigente. Portanto, o conjunto de ações aparentemente contraditórias do primeiro mandato de Lula (as políticas macroeconômicas conservadoras e as políticas sociais de erradicação da pobreza) foram de encontro com o imaginário ideológico das classes mais pobres e fizeram com que Lula ganhasse votos desse “conservadorismo popular” na eleição de 2006, votos estes que tinham sido na maioria para Collor em 1989 e FHC em 1994 e 1998.

Apesar de observar a migração dos votos das classes populares e conservadoras ao PT, Singer afirma categoricamente que “o lulismo não é o inverso do petismo, ele é uma novidade e uma junção *sui generis*

de políticas contrapostas.” Lembrou ainda que o PT conseguiu a diminuição da desigualdade no Brasil graças aos programas sociais — e assim cumpriu uma parte importante do programa original do partido.

Ab’Saber avalia que o governo petista desmobilizou demandas sociais. Lula teria admitido seu papel na construção de um discurso hegemônico em torno da inclusão pelo consumo, ao dizer a blogueiros que foi preciso “um torneiro mecânico metido a socialista para fazer o Brasil virar capitalista”

A definição de lulismo de Ab’Saber parte do mesmo diagnóstico de Singer: Lula personificou o pacto entre os extremos — os extremamente ricos e os extremamente pobres — do qual resultou a inclusão dessas classes pobres na sociedade de consumo. Contudo, essa inclusão por meio do consumo é limitada, pois o discurso do “consumo, logo existo” seria “relativamente conservador, por alterar pouco a vida concreta dos pobres.” Assim, aos olhos do professor da Unifesp a inclusão pela via do consumo não trouxe melhorias efetivas em serviços públicos como hospitais ou



Daniel Garcia

Tales Ab'Saber

escolas. E, mais importante, tampouco houve evolução na consciência autônoma e crítica das classes sociais desfavorecidas.

Ele lembra também que diante da crise internacional de 2008, a mais grave do capitalismo desde 1929, o capitalismo central regrediu nos países centrais e viu o modelo do pacto social entre os extremos e de edificação do consumo no Brasil como possível alternativa para o restabelecimento do capitalismo em geral. A frase de Obama sobre Lula, “Ele é o cara”, refletiria justamente, na opinião de Ab'Saber, o desejo do presidente norte-americano de ser como Lula nos EUA, para poder sair da crise em que o país se encontrava.

Argumenta ainda que Lula reconheceu o seu papel na construção de um discurso hegemônico em torno da inclusão através do consumo, expresso na declaração que deu durante encontro com blogueiros progressistas, no último mês de seu

mandato presidencial: “Foi preciso um torneiro mecânico metido a socialista para fazer o Brasil virar capitalista”. Ab'Saber avalia que o governo Lula abriu mão de modos progressistas de fazer política, para trilhar justamente o caminho contrário: “Desmobilizaram demandas sociais via integração por consumo e agregaram partidos pouco ideológicos, como o PMDB, que passou ser o lastro político do PT sob a cortina da coalizão pela governabilidade”.

Assim, a gestão econômica foi entregue à direita, no governo Lula, ao confiar “as grandes balizas macroeconômicas do país às avaliações e às tensões particulares do mercado financeiro interno e global, liberando o voo de suas corporações, (e) ao autonomizar na prática o Banco Central, realizando assim uma velha demanda neoliberal”, bem como “colocar em sua direção um verdadeiro banqueiro internacional puro sangue, Henrique Meirelles”, por sua vez “muito bem combinado ao operador político da economia, o ministro Antonio Palocci, o redundante Malan de plantão”. Mas também a gestão política foi submetida à direita, pois o PT “trabalhou junto ao arco de alianças tradicional fisiologista, algo comum à tradição patrimonialista da direita”. Como uma das consequências dessa opção política, Ab'Saber cita a gestão temerária e criminosa da política expressa no episódio do chamado “mensalão”.

Mesmo o episódio desastroso não foi capaz de abalar a construção mítica de “ídolo pop” da figura de Lula, expressa nos 87% de aprovação ao fim de seu segundo man-

dato. Ab'Saber adverte: “Quando o político passa a funcionar como um ídolo pop, é o ponto máximo do capitalismo”. Na visão do professor, a atuação de Lula arruinou a política e impediu a construção de uma consciência crítica, provocando também a descrença da população no fazer político: “O PT não deveria se espantar quando massas de trabalhadores desiludidos desaguam em projeto político insólito, regressivo, baseadas apenas nas questões imagéticas e imaginárias. Cito como exemplo a candidatura de Celso Russomano à Prefeitura de São Paulo” (na época do debate, o candidato do PRB liderava as pesquisas de intenção de voto; apesar de não ter ido ao segundo turno, obteve mais de 1 milhão de votos).

Além da entrada de petistas no aparelho político estatal, houve a inclusão de sindicalistas ligados ao PT em órgãos de gestão direta do capital financeiro (tais como as direções dos fundos de pensão), bem como nos conselhos de gestão do FAT e do FGTS, fazendo com que o PT se tornasse, na visão de Cyro Garcia, “sócio minoritário” do projeto neoliberal

Cyro Garcia compartilha da análise de Singer a respeito das origens do PT, concordando que o partido era radical e classista. Vai além, ao asseverar que, ao longo dos anos 1980, o PT foi na contramão dos estudos do cientista político Adam Przeworski, que pesquisou a viabilidade eleitoral dos partidos de esquerda. No seu livro *Capitalismo e Social-Democracia*, Przeworski observa que partidos socialistas e social-democratas na Europa precisaram buscar apoio eleitoral fora da classe trabalhadora, o que os levou a abandonar discursos radicais e classistas, fazendo concessões ao capital para poderem ganhar eleições. Não foi o que aconteceu com o PT nos anos 1980, diz Garcia: mesmo sem fazer concessões, mantendo o discurso radical, o partido ganhou cada vez mais espaço nas eleições. Em 1982 tinha 8 deputados federais; em 1986 conseguiu eleger 16 deputados federais; em 1988 conquistou 39 prefeituras em cidades importantes do país, inclusive São Paulo e Porto Alegre. Em 1990, apesar de ter perdido as eleições presidenciais do ano anterior, conseguiu aumentar novamente a bancada, para 35 deputados federais, um crescimento de mais de 100%. Um dos fatores que contribuiu para esse crescimento, na opinião de Garcia, foi o episódio da greve geral da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda (1988), em que três operários foram assassinados pelo Exército. Ele acredita que a população, ao reagir a esse crime, deu um giro mais à esquerda na sua consciência política.

Porém, em contraposição dialéti-

ca a esses avanços, iniciou-se o processo de burocratização do partido, principalmente após 1988, ano em que petistas ganharam cargos no Executivo nas grandes cidades. Um processo que Garcia denominou de “incrustação de membros do partido no aparelho estatal burguês”. Uma das consequências desse processo teria sido a diminuição do número de filiados de baixa renda, ao mesmo tempo em que os de alta renda aumentavam: o índice dos que ganhavam até 2 salários mínimos caiu de 8,1% em 1991 para 3% em 1999. Os que ganhavam de 20 a 50 salários mínimos passaram de 6,2% para 22% em 1999. Esses altos salários acabaram estabelecendo, no entender do dirigente do PSTU, uma dependência material dos membros do PT em relação ao “Estado burguês”.

No campo político, o partido também mudava: se nos anos 1980 o PT expulsara filiados por fazerem política de conciliação de classes (caso dos deputados que votaram em Tancredo Neves), como explicado por Singer, a partir dos anos 1990 o partido começa a expulsar filiados por manterem uma política de esquerda e radical, como foi o caso dos militantes da corrente interna Causa Operária e, depois, da Convergência Socialista, agrupamento de que Garcia fazia parte (e que se converteu posteriormente no PSTU). Em 1992, a expulsão da Convergência Socialista se deveu ao fato de essa corrente haver participado da campanha “Fora Collor”, desobedecendo às diretrizes do Congresso Nacional do PT de 1991. Naquele congresso, os pe-

tistas haviam decidido não apoiar o movimento porque julgavam que Lula ganharia as eleições de 1994 e não queriam legitimar um hipotético “Fora Lula” posterior.

Outra questão levantada por Garcia: além da entrada de militantes petistas no aparelho político estatal, houve a inclusão de sindicalistas ligados ao PT em órgãos de gestão direta do capital financeiro: administrações dos fundos de pensão, conselhos de administração de empresas das quais os fundos de pensão são sócios, bem como nos conselhos estatais de gestão de recursos dos trabalhadores, como os do Fundo de Apoio ao Trabalhador (FAT) e do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), fazendo com que o PT se tornasse “sócio minoritário” do projeto neoliberal. Ele julga que o PT participou e avalizou, por intermédio de sua participação nos fundos de pensão, o processo de privatizações comandado por Fernando Henrique Cardoso ao longo dos anos 1990. O que teria gerado uma esquizofrenia, pois ao mesmo tempo em que “fora da Bolsa de Valores sindicalistas petistas apanhavam da polícia em protestos organizados pela CUT contra as privatizações”, lá dentro “os sindicalistas petistas representantes dos fundos de pensão batiam o martelinho”.

Por fim, Garcia expressa uma opinião oposta à de Singer, ao considerar que não houve políticas no governo Lula para erradicar a pobreza e diminuir a desigualdade, mas sim a construção de políticas assistencialistas, como o Bolsa-Fa-

mília, herdadas de programas de Ruth Cardoso no período FHC. Essas políticas assistencialistas, acredita Garcia, tinham somente o objetivo de manter Lula no poder através de seu aparato eleitoral e do controle social, opinou Garcia. “Se antes o PT dizia que não tinha que dar o peixe, tinha que ensinar a pescar, hoje prefere dar o peixe, para continuar a ser apoiado por eles. Por isso essa mudança no perfil do eleitorado”, qual seja, do eleitorado de classe média escolarizada para o de baixa renda e baixa escolaridade. “Mas aquele PT que defendia os interesses dos trabalhadores não existe mais”.



André Singer e Cyro Garcia

O PSDB não pode vocalizar a rejeição da classe média tradicional às políticas sociais do PT, pois perderia muitos eleitores. “Por isso, o confronto político não é aparente, embora seja real”, diz Singer. Garcia, porém, julga que a polarização PT x PSDB é falsa: “a burguesia escolheu Lula como saída preventiva”

No debate subsequente, em resposta a uma pergunta do público a respeito da oposição entre PT e PSDB, Singer disse haver equívoco nas análises de Garcia e Ab’Saber,

porque eles não levam em conta a polarização existente entre esses partidos. Para Singer, o PT tem um projeto mais voltado para o Estado, enquanto que o PSDB prefere o mercado. O que confunde na análise é a polarização social intensa, que não se expressa politicamente. Percebe-se a existência do ódio da classe média tradicional às políticas sociais de Lula. No entanto, o principal partido dessa classe média, o PSDB, não pode vocalizar essa rejeição às políticas sociais sob o risco de perder um grande contingente de eleitores e por isso aderiu às políticas sociais do governo Lula. “Por isso, o confronto político não é aparente, embora seja real”, ponderou Singer.

Na opinião de Garcia, porém, a polarização entre PT e PSDB é falsa, pois em função da crise que atingiu a periferia do capitalismo no final da década de 1990, em que países da América Latina entraram em ebulição social, “a burguesia

escolheu Lula como uma saída preventiva para a crise que se avizinhava no país”. Uma forma de Garcia sustentar a posição de que a direita passou a ter preferência pelo PT, em desfavor do PSDB, foi comparar os valores doados pelos setores de finanças, da construção civil e do setor primário para a campanha de Lula e para seus adversários nas eleições de 2002 e 2006. De acordo com estudo de Ricardo Almeida, “Caixa 1 dos Interesses”, em 2002 Lula recebeu R\$ 18 milhões de doações de campanha daqueles setores econômicos, enquanto a Serra foram destinados R\$ 32 milhões. Em 2006, contudo, Lula recebeu R\$ 35 milhões dos mesmos setores da economia, enquanto Alckmin foi contemplado com apenas R\$ 23 milhões. Portanto, de uma eleição para outra, os grandes setores do capital resolveram doar mais para a campanha de Lula do que a de seus adversários. Dessa forma, na ótica de Garcia, a suposta polarização

entre PT e PSDB seria uma mera “disputa de butim”, fisiológica.

Ab’Saber complementou a argumentação de Garcia afirmando que o PSDB não é contra a integração dos pobres por intermédio do mercado, e que o PT executou esse programa de integração de forma extremamente bem sucedida ao fazer o pacto entre os extremos, cooptando os extremamente ricos que eram a base social do PSDB. Dessa forma, o PT acabou com a base social Tucana, fazendo o partido de FHC e Serra perder seu sentido e discurso históricos. No outro extremo, criou um discurso hegemônico em favor do mercado, gerando “a subjetivação para o consumo dos muitos pobres, a despeito de um moralismo arcaico de uma certa classe média à direita amplamente ultrapassada, expresso na *Folha* e na *Veja*”.

Perguntou-se quais seriam as alternativas para a inclusão das classes baixas, além do mercado e do consumo. Ab’Saber respondeu que dentro do plano eleitoral e de possibilidade estritas, o governo Lula significara avanços, porém mínimos, no que ele denominou de “social-democracia mínima”. Ele lembra que sua tarefa como intelectual de esquerda é de elaborar uma crítica anticapitalista, alertando que “as pessoas estão aceitando a desmobilização para entrar nos fetichismos endógenos da sociedade de consumo”. Por essa razão, a esquerda precisaria redesenhar conceitos para manter-se crítica ao capitalismo, uma vez que este estaria integrando cada vez mais populações em sua franja, com muitas

distorções e muita violência.

Singer afirmou estar de acordo “em quase 100%” com Ab’Saber, de que seria preciso manter a crítica ao capitalismo que passa pelo consumo. Mas defende que o capitalismo não acabará por decreto, de modo que todo o avanço em termos de redução da pobreza e da desigualdade passaria pelo mercado. Por isso, em sua avaliação, seria preciso ter a capacidade de elaborar uma posição de ser contra o mercado e a favor do mercado ao mesmo tempo. Porém, ao mesmo tempo, dentro desse movimento, como parte da esquerda, seria necessário pensar alternativas anticapitalistas. Como exemplo, citou ser a favor da criação de vagas no ensino superior público e contra a compra de vagas nas universidades privadas levada a cabo pelo ProUni. Também defendeu que seria melhor a construção de moradias populares sem a participação de empreiteiras.

Depois, em resposta a indagações sobre o papel dos partidos de esquerda e a crise moral da política, Singer lamentou o fato de os partidos estarem passando por descrédito e esvaziamento em todo o mundo. Ressaltou que não há nada que substitua os partidos na disputa democrática, e que será necessário atuar dentro deles enquanto não se invente outra forma de participação política. Ainda fez uma provocação: “Ouço que queremos discutir a Revolução, e não a distribuição de renda, eu respeito a posição, mas discordo”. Ele pensa ser necessário discutir questões concretas, como a redução da desigualdade no Brasil. Admitiu que a diminuição

na concentração de renda é lenta demais para seu gosto, mas é real, pois o nível de queda da desigualdade no Brasil nos governos Lula era comparável ao EUA no New Deal. Acabar com o capitalismo por decreto, que era o que julgava que estava sendo proposto, levava a regimes autoritários como a URSS e a China. A esquerda precisa ainda acertar contas com esse passado, acredita o professor da FFLCH.

Garcia respondeu à provocação afirmando que desde a derrota do socialismo real, com a derrubada do muro e o fim da URSS, parte da esquerda “enrolou suas bandeiras socialistas e aderiu ao processo de reforma do capital”. É necessário construir um novo socialismo com democracia, mas sem abrir mão da revolução, prosseguiu. Revolução que não viria com reforma do capital e sim com ruptura do modelo atual. Como alternativa concreta ao modelo atual, afirmou que o governo deveria deixar de pagar as dívidas com os credores para investir em educação, saúde, transporte público de qualidade.

Garcia também admitiu a crise dos partidos políticos, reiterou igualmente a necessidade dos partidos de esquerda, mas diferentemente de Singer, como “guias revolucionários”. Para Garcia, os partidos de esquerda teriam papel dirigente e de *protagonismo* junto com os movimentos sociais na Revolução, justamente para evitar o que ocorrera na Espanha em 2011, onde milhares de jovens ocuparam a Praça do Sol, mas não encontraram alternativas, além daquelas apresentadas pela burguesia.